



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol. 16, número 2, jul-dez, 2023, pág. 403-434

Prevenção de ações autodestrutivas com escolares do ensino fundamental em escola da rede pública de ensino: perspectivas e possibilidades

Prevention of self-destructive actions with elementary school students in public school: perspectives and possibilities

Prévention des gestes autodestructeurs auprès des élèves du primaire dans les école publique : perspectives et possibilités

Jayne Nogueira Duarte
Milena Cecília Barroso Fernandes
Ruy Siqueira de Lima
Janderson Costa Meira
Branca Cecília Benício
Ewerton Helder Bentes de Castro

Resumo

A contemporaneidade tem se constituído por uma série de fatos que nos propiciam questionar o próprio existir. Assim, o objetivo deste estudo foi compreender a percepção de alunos do ensino fundamental maior e do ensino médio de escolas do sistema de ensino público municipal e/ou estadual acerca dos comportamentos autodestrutivos em adolescentes considerando fatores de risco e fatores de proteção sob o viés da Fenomenologia. É um estudo amparado na abordagem qualitativa de pesquisa, utilizando o método fenomenológico de pesquisa com caráter descritivo, exploratório e reflexivo. A análise foi pautada a partir da perspectiva teórica de Martin Heidegger. Foi utilizada a proposta dos Grupos de Encontro de Carl Rogers, com gravação da atividade em áudio e posterior transcrição. Participaram 22 alunos do 6º ao 9º ano. Ressalte-se que a meta do projeto é contribuir com o aperfeiçoamento do sistema de educação e de saúde no sentido de fornecer subsídios para elaboração de estratégias que viabilizem a execução de ações relacionadas a fatores de proteção no que concerne a comportamentos autodestrutivos na comunidade escolar. Foram elaboradas 3 categorias de análise: a) **A percepção da origem do comportamento;** b) **As várias dimensões dos comportamentos autodestrutivos;** c) **Olhar para o sofrimento do outro:** o Cuidado é vivenciado. Conclui-se pela necessidade de compreendermos a pluridimensionalidade presente nestas temáticas, tendo em vista que, é um fenômeno em franco crescimento e que



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

atravessa instâncias onde os adolescentes transitam, família e escola e a possibilidade de execução de atividades a partir do plantão psicológico na prevenção de comportamentos autodestrutivos e autolesivos.

Palavras-chave: Suicídio, autolesão, prevenção, escolares, fenomenologia

Abstract

Contemporaneity has been constituted by a series of facts that allow us to question our own existence. Thus, the aim of this study was to understand the perception of higher elementary and high school students from schools in the municipal and/or state public education system about self-destructive behaviors in adolescents, considering risk factors and protective factors from the perspective of Phenomenology. It is a study based on a qualitative research approach, using the phenomenological research method with a descriptive, exploratory and reflective character. The analysis was based on the theoretical perspective of Martin Heidegger. The proposal of Carl Rogers' Meeting Groups was used, with audio recording of the activity and subsequent transcription. 22 students from 6th to 9th grade participated. It should be noted that the project's goal is to contribute to the improvement of the education and health system in the sense of providing subsidies for the elaboration of strategies that enable the execution of actions related to protective factors regarding self-destructive behavior in the school community. 3 categories of analysis were elaborated: a) The perception of the origin of the behavior; b) The various dimensions of self-destructive behavior; c) Looking at the suffering of the other: Care is experienced. It is concluded that there is a need to understand the pluridimensionality present in these themes, considering that it is a rapidly growing phenomenon that crosses instances where adolescents transit, family and school and the possibility of carrying out activities from the psychological duty on prevention of self-destructive and self-injurious behaviors.

Keywords: Suicide, self-injury, prevention, students, phenomenology

A contemporaneidade tem se caracterizado por inúmeros fatos que têm se tornado em elemento de preocupação da sociedade. Dentre estes, os comportamentos autodestrutivos (autolesão, suicídio) na adolescência, que dado o aumento que vem ocorrendo, se transformou, a nível mundial (aí inserimos nosso país e nosso estado), em elemento de saúde pública.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Experiências também consideradas como temas em saúde pública e têm merecido produção científica significativa nos últimos anos são as relacionadas a comportamentos autodestrutivos, da autolesão ao suicídio (Fukumitsu, 2019; Fukumitsu, 2018; Vale, 2017; Ferreira Júnior, 2015^a; Ferreira Junior & Fukumitsu, 2015b; Jordan & McIntosh, 2011; WHO, 2010).

Em virtude a tudo o que foi apresentado, questiona-se: como tem sido para as pessoas experienciarem essas situações? Qual a concepção que têm de si mesmas e do outro? Quais fatores podem ser considerados como de proteção e de risco?

Dado o exposto, torna-se premente e necessário realizar pesquisas voltadas a essas temáticas, tendo em vista a vivência de quaisquer uma dessas questões implica em uma série de questões emocionais que mobilizam a pessoa no sentido de questionar o próprio existir.

Dessa forma, foi possibilitado ao discente do ensino fundamental maior, um olhar mais macro sobre a pluridimensionalidade dessas experiências, culminando redimensionar o pensamento acerca desses comportamentos e suas consequências na vida dos adolescentes e suas famílias e os contextos onde estão inseridos.

A literatura tem trazido continuamente referências ao elevado índice de suicídio e de comportamentos autodestrutivos em todas as fases da vida. E essa tem sido, ao longo dos últimos anos, a preocupação de instituições nacionais e internacionais, principalmente em decorrência ao fato que o maior número de casos de tentativas de suicídio e autolesão é entre adolescentes e jovens na faixa etária de 15 a 27 anos de idade.

O comportamento autodestrutivo e tudo que a essa temática se relaciona, tem sido vivenciado à conta de tabu, ou seja, não se permite falar, nem tampouco esclarecer os vários aspectos que o tornam



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

multifatorial. Torna-se, diante da expressividade que atingiu, que tomemos a responsabilidade por realizar e implementar ações de prevenção, informando e tornando esses jovens multiplicadores da informação.

No que tange a relevância social desta pesquisa, ressalte-se que, compreender o processo do atentar contra si mesmo face o desespero em que se encontra, significa poder traçar estratégias que a escola possa ser esse elemento constitutivo da prática de prevenção a esses tipos de comportamento, viabilizando transformar o aluno em agente multiplicador da informação. Para o aluno de Psicologia, propicia o redimensionamento do seu futuro fazer profissional junto a grupos específicos, além de possibilitar maior abrangência acerca da própria área do saber.

Diante disso, o problema que catapultou este estudo foi: como tem sido o lidar da escola com o alto índice de adolescentes e jovens com comportamentos autodestrutivos? O que pode estar sendo feito no sentido de minimizar esse número e estabelecerem-se atividades que previnam tais comportamentos? Por isso, torna-se premente desenvolver atividades junto a esse público no sentido de que possamos esclarecer cada vez mais, pontos obscuros relacionados ao tema em si mesmo.

Este estudo buscou compreender a percepção de alunos do ensino fundamental maior de escola do sistema de ensino público estadual acerca dos comportamentos autodestrutivos em adolescentes considerando fatores de risco e fatores de proteção sob o viés da Fenomenologia. Para a consecução desse objetivo tornou-se necessário seguir alguns passos, a saber: analisar os elementos conceituais e constitutivos relacionados a comportamentos autodestrutivos nos níveis mundial, nacional e local e compreender os fatores de risco e proteção relacionados a comportamentos



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

autodestrutivos a partir da Fenomenologia, ou seja, compreender a dimensão do existir com pessoas nessas condições, remete-nos a priorizar o método fenomenológico e o aparato teórico da Fenomenologia Existencial nas obras de Martin Heidegge.

Re-conhecendo a temática

O suicídio já é uma ação intrinsecamente humana que está presente em vários momentos da história de forma imemorial. Bertolote (2012) cita as teogonias mais conhecidas que descrevem sobre o ato como: *Gilgamesh*, *Ramayana* e *Mahabaratha*. Além dos textos sacros da Bíblia, Alcorão e Talmud. Ao chegarmos na literatura greco-romanda veremos o suicídio com “louvor”, pois era uma ação demasiadamente heróica. Contudo, Lopes (2007, p. 39) diz que na Grécia antiga “o suicídio era um ato clandestino, patológico e solitário”. Reforça ainda que em Roma era visto como um desenlace honroso e cita o caso do suicídio do imperador Nero após ser deposto pelo senado romano.

O termo como conhecemos hoje só foi criado em 1643 pelo médico inglês Thomas Browne: “primeiramente em grego (*autofonos*), que foi traduzida para o inglês como *suicide* em 1645. No livro, [...] Browne distinguia duas formas de suicídio: uma delas ‘heroica’ e outra ‘patológica’”. (Bertolote, 2012, p. 29). Para Luz & Castro (2010, p. 251) “Etimologicamente, ao que tudo indica, o vocábulo “suicídio” seria derivado do latim a partir das palavras *sui* (si mesmo) e *caedes* (ação de matar) do verbo (*caedo, is, cedei, caedere*), significando matar a si próprio”, teoria essa reforçada por Netto (2013).

Na literatura especializada sobre o assunto, a autolesão é uma das diversas palavras utilizadas para se referir ao ato de infligir a si próprio um (ferimento). São também encontrados nos escritos os termos: auto ferimento, violência autoinfligida, automutilação,



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

autoagressão, e assim por diante. Cassorla (1984, p. 9) define apenas como “A morte de si mesmo”. Partindo desse conceito, destaca-se também sobre a morte parcial inconsciente tratada ainda por Cassorla (1984), como, por exemplo, sintomas de impotência sexual dentre outros.

Sobre o comportamento suicida López (2015) cita Rosales (2010), é falar do ato deliberado de tirar a vida sem um resultado letal e suicídio consumado significa o ato de tirar a vida de forma exitosa. Vê-se então, que a autolesão entra nos parâmetros do comportamento suicida, tais comportamentos são descritos por Cristina et al (2011, p. 100) como “envolve um conjunto de pensamentos, motivações e ações cujo intuito é o de pôr termo à própria vida. Implica uma auto-agressão intencional com o fim de provocar a morte”, anterior a esse trecho, os autores mencionam que a automutilação não possui necessariamente uma intenção suicida.

Nas pesquisas sobre o suicídio no México, um instrumento de registro importante foi desenvolvido, a CIRIS. São as siglas de Cédula de Indicadores de Riesgo Suicida, para identificar a problemática suicida em estudantes. Dessa forma, os pesquisadores detectaram as condutas suicidas, e com o desenvolvimento do instrumento, puderam distinguir pela letalidade e classificar em três principais: tentativa de Suicídio (Querer deixar de viver/ querer morrer), Tentativa Ambígua (Tanto faz viver ou morrer), Autolesão.(não querer morrer/ seguir com a vida). São, quanto ao nível de risco, respectivamente, alto, moderado e alerta. (López, 2015). Essas informações são interessantes para pensar nas condutas suicidas mesmo fora do México, e além da ferramenta criada para a população desse país.

Quando se procura dados sobre autolesão, tem-se uma certa dificuldade, isso porque:



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Desafortunadamente, não existem números oficiais sobre tentativas de suicídio, ideação suicida e autoferimento. Esses comportamentos são difíceis de mensurar, uma vez que nem sempre chegam a ter atendimento em postos de saúde e hospitais, assim como em outras vezes são creditados ora como pitis, ora como acidentes, quadro depressivos ou psicóticos. (Ferreira Júnior, 2015, p. 24)

Dados do suicídio mundial

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (2019), há aproximadamente 800.000 mortes por suicídio ao ano, sendo a terceira maior causa de morte entre adolescentes de 15-19 anos. Além do mais, a OMS observa que as taxas de casos de tentativas de suicídio durante o ano são ainda maiores, isto é, para cada suicídio que acontece, houve entre 10 e 20 tentativas. Portanto, no cenário mundial, o suicídio mostra-se como uma grave questão de saúde pública (PENSO & SENA, 2020).

Os números apresentados podem ser ainda maiores, visto que muitos óbitos por suicídio são camuflados ao serem registrados como homicídios, acidentes e outras causas de mortes (Teixeira; Souza; Viana, 2018, p. 1). De acordo com a OMS (2019), a qualidade de dados sobre suicídio é precária, porquanto somente 60 Estados Membros possuem dados de boa qualidade. Um dos motivos apontados para isto provém do forte tabu sobre o assunto.

O suicídio não só pode ocorrer por meios letais, como o uso de armas brancas e de fogo, enforcamento ou com a ingestão de fármacos ou de substâncias. Mas também de formas disfarçadas, tais como o uso abusivo de álcool e drogas, a prática de esportes ou atividades de lazer que coloquem a vida em risco, a falta de cuidados para com a própria saúde ou ainda uma vida sexual promíscua (Penso



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

& Sena, 2020, p. 62). Entre os métodos mais comuns no mundo, a OMS destaca a ingestão de pesticidas, enforcamento e armas de fogo.

Quanto aos grupos de maior taxa de suicídio, a Organização Mundial da Saúde (2019) afirma que, em países de alta renda, a taxa de suicídio dos homens é três vezes maior que a das mulheres, entretanto a média de suicídio entre homens e mulheres é mais próxima nos países de baixa renda. Vale salientar que os casos de suicídio são mais comuns em grupos vulneráveis (refugiados, imigrantes, indígenas, LGBTQIAPN+, prisioneiros), os quais sofrem discriminação.

Dados de suicídio no Brasil

Acerca dos dados do suicídio no Brasil, observou-se tratar de uma situação evitável, entretanto, ocupa a segunda posição entre as principais causas de morte em jovens entre 15 e 29 anos (World Health Organization, 2014). Conforme o relatório da Organização Mundial da Saúde, “o Brasil apresentou a taxa de suicídio de 5,3 por 100.000 habitantes no ano 2000 e 5,8 por 100.000 habitantes no ano 2012, o que o classifica como país com baixa taxa de suicídio” (Marcolan & Silva, 2019, p. 81).

Em 2015, os dados oficiais do Ministério da Saúde indicaram uma taxa de mortalidade por suicídio no Brasil de 5,7/100.000 habitantes, assim, o país foi classificado como nível médio por tais taxas de mortalidade. Nas taxas de mortalidade por suicídio, a quantidade de indivíduos do sexo masculino foi quatro vezes maior comparada às taxas dos indivíduos do sexo feminino. (Marcolan & Silva, 2019, p. 7).

De acordo com Silva et al., (2018), em 2010, as maiores taxas de suicídios por 100 mil habitantes estão nos estados do Rio Grande do Sul (9,68), Santa Catarina (8,48) e Mato Grosso do Sul (7,67).



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Durante o mesmo período, alguns estados da Região Norte e Nordeste aparecem com as menores taxas de registro de suicídios, como o Pará (2,48), Alagoas (2,72) e Bahia (3,08).

De acordo com Palmas, Santos e Ignotti (2020), nos anos de 1990 a 2015, no Brasil, foram notificadas 205.431 mortes por suicídio, com uma média de 8.217 mortes anuais e 22 diárias, desse modo, a taxa de mortalidade por suicídio aumentou 53%.

Em outro estudo, durante o período de 2000 a 2015, ocorreram cerca de 11.947 mortes por lesões autoprovocadas em indivíduos de 10 a 19 anos, no Brasil (Cicogna; Hillesheim & Hallal, 2019). A maior parte dos suicídios, com a taxa de 85,32%, aconteceu em adolescentes de 15 a 19 anos, e ocorreu majoritariamente em população masculina (61,31%). Ao considerar ambos os sexos, a região com os maiores coeficientes de mortalidade por suicídio em adolescentes no Brasil foi a Região Centro-Oeste, seguida pela Região Sul.

Conforme Palmas, Santos e Ignotti (2020, p. 3), “até 2001, os municípios não notificadores de óbitos por suicídio estavam concentrados nas regiões Norte e Nordeste.” Em 2014, foram observadas altas taxas de mortalidade por suicídio na região do Alto Solimões, localizada no noroeste do estado do Amazonas, e em algumas áreas nas regiões Sudeste e Norte.

Dados do suicídio no Amazonas

De acordo com o Boletim Epidemiológico: Violência Autoprovocada, Suicídio e Óbitos por Abuso de Substâncias Psicoativas no Estado do Amazonas, da Fundação de Vigilância em Saúde do Amazonas (FVS/AM, 2019), no período de 1 de janeiro de 2015 a 30 de junho de 2019, foram 1.685 casos de lesões autoprovocadas notificados em residentes do estado do Amazonas. A maioria dos casos foi notificada em centros urbanos como Manaus,



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Parintins, Coari, Tefé e Tabatinga, e em municípios com elevada proporção de população indígena como Benjamin Constant e São Gabriel da Cachoeira.

No Amazonas, o número de notificações dos casos de lesões autoprovocadas entre homens e mulheres é semelhante, com a taxa de 49% em indivíduos do sexo masculino e 51% do sexo feminino. Nas mulheres, a maioria notificada está em uma faixa etária de 15 a 19 anos, enquanto os homens apresentam registros nas idades de 20 a 29 anos (FVS/AM, 2019):

No período analisado, os municípios com maior número de registros de violências com lesões autoprovocadas foram Tabatinga, Manaus e Benjamin Constant, com 18,5%, 15,5% e 10,9% das notificações do estado, respectivamente. Do total de eventos, 53,6% foram em pessoas pardas e 35,3% em indígenas. Os municípios de Tabatinga, Benjamin Constant, São Paulo de Olivença e Santo Antônio do Içá, apresentam maior número de registro de violências em indígenas. Por outro lado, nos maiores centros urbanos, como Manaus, Tefé e Coari, as vítimas de violência com lesões autoprovocadas são, principalmente, indivíduos pardos.

Fenomenologia de Martin Heidegger

O filósofo alemão nasceu na cidade de Messkirch em 26 de setembro de 1889, região de Baden (sul da Alemanha). Teve sua formação filosófica realizada na Universidade de Freiburg-im-Breisgau. Nessa instituição foi aluno de Edmund Husserl, criador do método fenomenológico e de Ricket, estudioso da Filosofia da Grécia Antiga. A partir da leitura de Brentano na obra “Sobre os diversos sentidos do ente segundo Aristóteles” há um despertar de seu interesse pela Filosofia. Estudou obras de Nietzsche, Kierkegaard e Dostoiévski, além



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

do interesse por Hegel e Schelling, pelos poemas de Rilke e Tralk e pelas obras de Dilthey. Tais estudos levaram-no a questionar a orientação da metafísica ocidental (Castro, 2009; 2017).

Heidegger (2013) propõe-se a tratar da questão do sentido do Ser, ou seja, buscar a noção de homem em sua singularidade a partir do que chamou de *Dasein* (pre-sença) que, como totalidade estrutural, se mostra na cotidianidade mediana, imprópria e impessoal, porém sempre como abertura para possibilidades de outras formas de vir a ser-no-mundo, quais sejam: próprias e impróprias. A pre-sença constitui-se num ente aberto às possibilidades, logo, em liberdade em seu modo de ser. Assim, a expressão "ser-no-mundo" aponta, primeiramente, para um fenômeno de unidade, e é desse modo que devemos compreendê-la. Ser-no-mundo deve ser entendido como uma estrutura de realização do Ser.

Em "Ser e Tempo", Heidegger (2013) faz uma abordagem, a partir do método fenomenológico, sobre a questão do Ser, de onde faz seu ponto de partida. Através do próprio homem, o filósofo aponta que esse é o caminho pelo qual o Ser se dá a conhecer. A solidão do homem propicia o interrogar-se a si mesmo, colocando-se como centro da questão e, assim refletindo sobre ele mesmo, é quando o Ser se mostra, o ser se des-vela. Desvendar o ser em si mesmo, partindo da existência humana (*Dasein – Ser-ai*) é o objetivo da reflexão filosófica deste autor.

Assim, observa-se em sua obra *Zein und Zeit* (Ser e Tempo, 2013), o retorno da filosofia para o ser (ontologia), que, doravante, estaria aberto, livre, pronto para eleger o que frente a ele se apresentasse. "Ser-no-mundo é morar no mundo", e não estar tenuamente ligado a ele. "Ser", para Heidegger é ser as próprias possibilidades: é fazer-se ser. Alguns aceitam as coisas assim como são, sobrevivem apenas, "vivem" o seu cotidiano sem grandes



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

inquietações, sem voltar-se sobre si mesmos. Outros, ao contrário, "existem", testam os limites da vida, lançam perguntas, indagam, enriquecem o ser, angustiam-se, querem fugir do tédio e da ansiosidade, sensibilizam-se.

Na primeira parte de "Ser e Tempo", Heidegger (2013) descreve a vida cotidiana do homem, considerada por ele como uma forma de existência inautêntica constituída por três aspectos: facticidade, existencialidade e ruína. A inautenticidade refere-se ao distanciamento do homem de sua condição real, de como ele se ocupa do mundo e distrai-se de sua condição enquanto um ser mortal. A autenticidade é justamente quando o homem pode conviver com sua condição enquanto ser-para-a-morte. O homem é um ser de possibilidades infinitas, as quais ele vai "escolhendo" realizar enquanto vive, mas esta possibilidade da morte é a única que lhe é dada como certa. Na segunda seção de sua obra, surge a noção de *angústia*. Esta se faz presente quando o homem passa a assumir-se nesta projeção futura da morte. A angústia, segundo Heidegger, possibilita que o homem possa resgatar-se do viver cotidiano indo ao encontro de sua totalidade. Ela está sempre presente tanto no distanciamento quanto na aproximação do eu, podendo ser vivida como medo no distanciamento.

Outro elemento vem juntar-se aos anteriores: mundo. Em relação a isto, Heidegger vai fazer uma distinção acerca da concepção de mundo considerado ôntico e ontologicamente. Assim, enquanto no conceito ôntico, mundo é o elenco das coisas que nele estão, configuradas e descritas, ao conceito ontológico, para conceituar mundo de acordo com Heidegger torna-se necessário compreender outro termo, mundanidade. Segundo o próprio autor, mundanidade constitui-se "na estrutura de um momento constitutivo do ser-no-mundo" (Heidegger, 2013, p.104), ou seja, no dizer de Forghieri (2011,



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

p.29) “o conjunto de relações significativas dentro do qual a pessoa existe”. A *pre-sença*, assim compreendida, não existe por causa do mundo ou o mundo por sua causa, mas já se encontra num mundo, como parte essencial de sua existência, portanto, daí o termo ser-no-mundo.

Três esferas fundamentais e simultâneas constituem a espacialidade existencial da *pre-sença*: o mundo circundante, o mundo das relações e o mundo pessoal, sendo o primeiro (mundo circundante) o relacionamento que o homem estabelece com o meio, com o ambiente, e envolve tudo o que de concreto está presente nas situações vivenciadas pela pessoa.

Heidegger (2013) considera que tendo em vista a existência se revelar como a essência da *pre-sença*, esta somente poderá ser analisada em sua relação com os outros, ou seja, a partir de seu mundo de relações. O autor considera esta como a mais fundamental característica do existir humano.

Alguns conceitos/ideias são considerados fundamentais na Ontologia Heideggeriana. Dentre estes podemos citar: viver como homem é jamais alcançar qualquer fixidez; afinal, habitamos num mundo inóspito, somos lançados no mundo e ser-no-mundo como homens é habitar essa inospitalidade. Assim, no pensamento deste filósofo a não-pertença ao mundo, seja este natural ou artificial, é vivido pelo homem como uma experiência de desalojamento, desamparo que ele quer a todo custo superar. Entretanto, este desamparo é a condição de liberdade para o próprio homem (Castro, 2009; 2017; 2019).

Trabalhar com o discurso significa opção pela linguagem e em Heidegger (2003), a linguagem não é apenas um meio de expressão ou, como ele mesmo diz: o meio de um organismo se manifestar. Ao afirmar que a linguagem é a morada do ser é porque, para ele, o que existe antes de tudo é o Ser, sendo que o pensamento pode pro-mover



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

a relação do Ser com o homem e a linguagem é parte decisiva desse encontro. Para pensar a linguagem é preciso penetrar na fala do Ser, a fim de conseguirmos morar na sua linguagem, isto é, na fala de outro Ser e não na nossa. Somente assim é possível alcançar o âmbito no qual pode ou não acontecer que, a partir desse âmbito, a linguagem do outro nos confie o modo de ser desse outro, a sua essência. Entregamos a fala à linguagem. Dessa forma, “não queremos fundamentar a linguagem com base em outra coisa do que ela mesma nem esclarecer outras coisas através da linguagem” (Heidegger, 2003; p.9).

Vale dizer, ser-no-mundo é pertencer ao mundo, sem, contudo, se reconhecer pertencendo. É não se sentir em casa como diz o próprio Heidegger (2013), quando se refere à estranheza na angústia. Na angústia se está estranho. Eis a *pre-sença* na angústia. A tempestade do ser (Castro, 2009; 2017; Pereira & Castro, 2019; Soares & Castro, 2020; Silva & Castro, 2020).

Um ponto fundamental em Heidegger (2013) é no que se refere ao cuidado como constituindo a própria dimensão do ser da *pre-sença*, o pôr-se para fora: é o *ec-sistir*, movimento do existir. O cuidado - como processo de constituição da *pre-sença* - se dá no acontecer, isto é, no tempo. Cuidar constitui-se no exercício da pre-ocupação com o acontecer. O cuidado constitui-se no movimento do existir, na abertura do ser do ente. O fechamento do ser do ente, a “escassez” da *ek-sistência*, significa dizer que se é mais do “ente” do que do “ontos”.

Materiais e Método

Delineamento do estudo: A pesquisa é de caráter qualitativo, uma vez que, se considera que o estudo se propõe a compreender os sentidos das vivências que estarão contidas no discurso dos participantes. Por ter sua preocupação direcionada para áreas da vida



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

que não podem ser mensurados, a pesquisa qualitativa concentra-se em explicar e compreender a dinâmica das relações sociais, dos processos e dos fenômenos (Shaughnessy; Zechmeister; Zechmeister, 2012; Minayo, 2014).

Método:

Utilizou-se a modalidade de Grupo de Encontro idealizada por Carl Rogers. A cada Encontro foi realizado um encontro com 10 a 15 alunos de cada sala e buscou-se essa compreensão a partir de significados existentes em seus discursos, expressos nas sessões do Grupo de Encontro, considerando a teoria da Psicologia Fenomenológico-Existencial.

Participantes: 22 alunos de escola do ensino fundamental maior da rede pública estadual. O projeto foi apresentado para a gestão escolar e as turmas e ficou decidido que seriam 3 encontros, no laboratório de informática com 3 representantes do sexto ano, 3 do sétimo, 3 do oitavo e 3 do nono ano, sendo que são 3 turmas de 6º, 3 turmas de 7º, 3 turmas de 8º e 3 turmas de 9º ano, totalizando, na pesquisa, 36 alunos nos Grupos de Encontro.

Instrumento: Foram encontros gravados em que se lançou aos alunos a pergunta disparadora: “como vocês compreendem a questão do suicídio e da autolesão”.

Local de Pesquisa: Sala de Informática da Escola.

Procedimento: a) autorização da escola; b) levantamento do número de turmas; c) apresentação em sala de aula; d) a pedagoga ficou responsável pela indicação dos 36 alunos. Foi utilizada a proposta dos Grupos de Encontro de Rogers:



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

- a) Encontro semanal com duração de 2 a 3 horas com áudio-gravação das sessões;
- b) Acolhimento dos participantes;
- c) Estabelecimento do foco da discussão;
- d) Discussão da temática;
- e) Avaliação
- f) Encerramento

Análise dos dados:

Amedeo Giorgi apresenta um método constituído por uma componente descritiva, seguindo a mesma proposta do método fenomenológico de investigação em psicologia, configurado por quatro etapas, explicitados em Giorgi e Souza (2010) e Pereira & Castro (2019): *Etapa 1* – Estabelecer o sentido do Todo: Após a transcrição, o objetivo é apreender o sentido geral do protocolo. Nesta fase, o investigador pretende apenas ler calmamente a transcrição completa da entrevista, onde o investigador coloca-se na atitude de redução fenomenológica. Não pretende focar-se em partes fundamentais, não coloca hipóteses interpretativas, apenas, ter uma compreensão geral das descrições realizadas pelo sujeito. *Etapa 2* – Determinação das Partes: Divisão das Unidades de Significado: O investigador retoma a leitura do protocolo, com um segundo objetivo: dividi-lo em partes menores. A divisão tem um intuito eminentemente prático e originam as Unidades de Significado, excertos do discurso que o investigador considera fundamentais para a compreensão do fenómeno e permite uma análise mais aprofundada; *Etapa 3* – Transformação da Unidades de Significado em Expressões de Caráter Psicológico: A linguagem cotidiana da atitude natural dos participantes sofre transformação. A partir da aplicabilidade da redução fenomenológica-psicológica e da análise eidética a linguagem de senso comum é então transformada



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

em expressões que tem como intuito clarificar e explicitar o significado psicológico das descrições dadas pelos participantes. O objetivo do método é selecionar e articular o sentido psicológico da vivência dos participantes, em relação ao objeto da investigação. Mantendo a linguagem descritiva, o investigador deverá ser capaz de expressar e trazer à luz significados psicológicos, que estão implícitos nas descrições originais dos sujeitos. É também neste momento que a inter-relação entre as partes e o todo sobressai como instrumento metodológico; *Etapa 4 – Determinação da Estrutura Geral de Significados Psicológicos*: O pesquisador, fazendo uso da variação livre imaginativa, transforma as unidades de significado numa estrutura descritiva geral. A descrição dos sentidos variantes e invariantes, denominados constituintes essenciais da experiência, contidos nas unidades de significado, assim como das relações que existem entre estes últimos, resulta na elaboração de uma estrutura geral. O importante é que a estrutura resultante expresse a rede essencial das relações entre as partes, de modo a que o significado psicológico total possa sobressair. Este passo do método envolve uma síntese das unidades de significado psicológico, as Categorias Temáticas, síntese das unidades de significado.

Análise dos Dados: parâmetros teóricos da teoria de Martin Heidegger

Considerações éticas:

O projeto foi aprovado pelo CEP/UFAM na reunião de 31.03.2022

Resultados e Discussão

A partir das falas áudio gravadas houve a transcrição das reuniões dos grupos. A partir deste momento, apresentamos as Categorias Temáticas originadas das falas dos participantes:



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

1. A percepção da origem do comportamento

Os participantes trazem um conjunto de possibilidades acerca da origem do comportamento autodestrutivo e autolesivo, conforme as falas a seguir:

Depressão e Ansiedade

Acho que umas das principais causas da, da... de se cortar, são a depressão e a ansiedade. **Bem-te-vi, 6º ano**

Ódio, é... Também impotência, porque uma pessoa não pode fazer nada e fica com raiva de si mesmo e começa a se machucar, falando uma coisa ou outra pra sim mesmo, é isso que estou achando pelo que eu ouvi dos outros. **Sabiá, 7º ano**

Família, psicológico dela não está bom. É, muitas vezes, por causa da família que afeta o psicológico – **Pintassilgo, 7º ano**

Depressão, ansiedade. Como se automutilar a aliviasse, como se a dor tivesse saindo mas na verdade não, só piora. Fica tanto a dor psicológica como a dor física – **Uirapuru, 8º ano**

Multiplicidade de causas

Vem bullying na minha cabeça. Que a maioria sofre bullying em casa, na escola [...] A maioria na escola e soma com os problemas de casa que não ajuda e vai prejudicando mais o psicológico da pessoa. Às vezes uma vamos colocar se uma criança de 10 anos, ela tem uma unidade na pessoa de 30 por conta dos traumas que ela passou durante a vida, ela aprendeu a lidar com tudo sozinho porque ela não tem apoio em casa. São tantos problemas que a pessoa passa que às vezes ela nem consegue lidar, como você mesmo falou a pessoa vai achando que o psicológico vai aguentar tudo sozinho. Às vezes não precisa de um bom ouvinte sem a pessoa ao menos dizer nada. Precisa ser escutada. Às vezes a pessoa dá indícios e as pessoas não vêem – **Mutum, 9º ano**



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Eu acho que dá sim pra perceber quando é uma pessoa mais sociável e se fecha, é um indício que ela está passando por algo –

Curió, 9º ano

Violência doméstica

Sobre a questão da violência doméstica, se cortar também é um dos principais motivos, tenho certeza. **Bem-te-vi, 6º ano**

Porque a pessoa, a vítima, desse acontecimento pode acabar se ferindo ou se machucando, e... é... é difícil falar, porque não tem muitas palavras para descrever esse acontecimento. **Falcão M, 6º ano**

Não aconteceu comigo mas aconteceu com uma colega minha e nesse instante eu estava lá ai... começou tudo com o pai dela e a mãe dela discutindo e eles foram para porrada, começaram a se bater, sem querer ela pegou uma facada na costela, ai ela foi para o hospital e a minha colega ficou chorando muito, segurando a minha mão e se tremendo. **Urubu-rei, 6º ano**

É, eu só presenciei um pouquinho de violência contra mim [...] **Um** pouco de odio, culpa e também um pouquinho de como eu explico... Me sentia inútil por que toda vez que fazia algo engraçado, meu pai dizia que eu não servia pra nada e que eu era igual a minha mãe. E ela não gosta que ele fale isso que sou igual a ela, mas eu já estou acostumada já são 8 anos – **Beija-flor, 7º ano**

Falas plenas de significados que extrapolam o contexto etário de nossos participantes. Sua visão acerca da amplitude do que dá origem ao comportamento autodestrutivo e autolesivo propicia que reconheçamos a grandiosidade da temática trazida até esses adolescentes. Conforme pressupõem Forghieri (2011), Heidegger (2013), Castro (2017,2019,2021) o existir é pleno em sentido e somente o ser humano é capaz de atribuir sentido ao que vivencia.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Nestas falas percebe-se que os participantes compreendem que estas ações são multicausais, ou seja, estão além de um paradigma único.

Silva & Barbosa (2016), Fukumitsu (2014), Ferreira Júnior (2015) em seus estudos corroboram acerca da multicausalidade presente nestes comportamentos e asseveram a necessidade de se compreender para além do ato em si mesmo. Desse modo, a Psicologia, enquanto área do saber, necessita redimensionar o olhar lançado sobre a instituição escolar e seus atores sociais no que tange à pluridimensionalidade do existir aí presente.

2. As várias dimensões dos comportamentos autodestrutivos

A compreensão dos adolescentes do ensino fundamental, participantes deste estudo, mostra-nos que a ação deve ser entendida em sua pluridimensionalidade, uma vez que, caracterizam a ação da autolesão à possibilidade do suicídio; a existência na família de casos de autolesão e o quão isso é complexo; a instituição escolar como instância da realização da autolesão.

Autolesão e possibilidade de suicídio

Que é difícil, é uma ferida que cicatriza mas ainda fica na gente, a gente pode ficar remoendo então, sobre a questão de se cortar é eu principalmente isso é muito errado porque principalmente eu tenho certeza que tem gente que se corta na veia, porque é uma das principais partes que de onde pode se acabar se matando, por isso eu tenho certeza que se corta nessa parte. **Bem-te-vi**, 6º ano

A experiência familiar

É muito difícil também falar isso, porque eu tenho uma irmã. Já aconteceu isso com ela é meio difícil assim, acho que ela escondia de todo mundo, ela desabafava mais comigo porque ela tem medo de falar com meu pai, eu também tenho medo e eu tô com um pouco de medo de falar dessa pessoa mas [...] isso também eu já vi no jornal, uma pessoa que já se enforcou por causa disso, é bem



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

triste mesmo vê isso. É meio difícil falar sobre isso porque isso também já me traumatizou muito, por causa da minha irmã, e... não tenho mais palavras, é meio difícil falar isso. **Arara-Vermelha, 6º ano**

Um olhar sobre a escola

Tem pessoas que aqui na escola, eu acho que... tem gente que usa casaco para esconder, ai não aparece. Eu já vi, eu vi uma menina que tinha "coisado" a mão e é muito errado isso. **Falcão M – 6º ano**

Consequências

Sim, só que às vezes só acumula e às vezes pode se tornar coisas piores - Sim, só que às vezes só acumula e às vezes pode se tornar coisas piores Sim, só que às vezes só acumula e às vezes pode se tornar coisas piores – **Pavão, 8º ano**

Cassorla (1984) já chamava a atenção para o fato de que a autolesão pode sim ser um prenúncio de futuros atos autodestrutivos. Castro (2022) revela em seu estudo que pesquisas devem redimensionar o olhar acerca da autolesão, haja vista que, essa ação percorre várias instâncias, da configuração familiar à escola.

Para Heidegger (2013) é necessário que percebamos que o ser humano não é apenas um vivente. Ele existe e, como tal, tangencia por situações que, maioria das vezes, o impele à impessoalidade, ou seja, não consegue perceber-se no próprio movimento do existir, e isso nos mais variados espaços pelos quais transita cotidianamente. Assim, realiza ações que poderíamos pensar extemporâneas ou até mesmo julgar. Entretanto, esse autor nos conclama a refletir para mais além da ação realizada. Nos impele a compreender esse outro sob o viés da possibilidade.

3. Olhar para o sofrimento do outro: o Cuidado é vivenciado



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Quando questionados sobre como olhar para o outro que pratica a autolesão, houve a unanimidade de um olhar sob o viés do cuidado. Esse outro precisa de ajuda, precisa de alguém com quem falar, precisa do companheirismo e da parceria.

E o olhar é de Cuidado

Eu acolho ela, tento fazer ela sorri, tento fazer/ animar ela. Porque depressão é quando a pessoa fica no cantinho não é, na tristeza. Acolher, fazer com que ela sorria, que [...] animação, animação é a base de tudo, amizade. Porque eu sou aquele tipo de amigo que se preocupa com os seus amigos, sou aquele tipo de amigo que gosta de vê a pessoa animada, como eu sou animado, gosto de fazer as pessoas brincar sempre. Eu acho que muitas pessoas não gostam de brincar mais, mas de qualquer jeito eu fico lá inventando desculpa para que ela brinque, porque animação sempre vai ajudar em alguma coisa. Esforço, eu me esforço para deixar a pessoa feliz, eu tenho amigo que se corta, ela é amiga, só que [...] eu comecei a frequentar muito a casa dela e ela parou de se cortar.

Tucano – 9º ano

Certamente a gente ia dar apoio, ajudar – **Pardal 7º ano**

Para ele procurar ajuda [...] Psicológica ou de um adulto ou alguma pessoa próxima para tentar superar aquilo. **Papagaio – 8º ano**

Mas não é bom perguntar – **Arara azul, 9 ano**

Mas eu preciso saber pra ter uma noção – **Arara vermelha – 9º ano**

Assim acho que é uma pessoa que está em uma crise, ela não gosta de falar e é melhor nem esforçar. – **Araponga da Amazônia, 9º ano**

Então eu não forço, eu não gosto de forçar ninguém. Eu perguntaria mesmo que ela não quisesse falar e eu observar se cortando eu ia falar pra mesmas coisas que eu sempre falo pra



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

todo mundo, se cortar, se suicidar não leva a nada. Não vai dar o prazer por estar sentindo aquela dor. Pode se aliviar, entre aspas, que não vai levar. Então, acho que só fica a cicatriz disso. Eu perguntaria se ela gostasse de ficar com cicatriz na cabeça, vamos supor com a memória de lembrança ou você gostaria de esquecer? Então eu esperaria a pessoa responder e perguntaria então prefere se cortar ou guardar essa gilete, jogar fora, quebrar e abraçar e se acalmar um pouco, esperar, beber água, sair dar uma respirada -

Cardeal – 9º ano

Eu acho que estaria preparada porque eu já passei por isso, eu acho que eu tentaria diminuir o nervosismo. Porque nunca pode-se falar com uma pessoa que tá ansiosa pra se acalmar.- **Caburé 8º ano**

Eu tentaria diminuir a ansiedade, nervosismo porque eu já passei por isso sozinha. Então, gostaria de ajudar os outros porque não me ajudaram, então eu prefiro ajudar os outros tentando fazer o que eu queria que fizesse comigo (relata muito emocionada).

Patativa da Amazonia – 8º ano

Quando ela não tem em casa, ela procura na escola aonde ela percebe que é o único lugar de apoio que ela tem é nas amizade ou descontando nos outros a raiva que sente. Eu sou uma pessoa que, desculpa, vou falar de mim, mas sou uma pessoa que já tentei me suicidar tantas e tantas vezes, mas graças às amizades que eu tenho. Consegui, como posso dizer, evitar certos acontecimentos na minha vida. Hoje eu tenho Orgulho de dizer que eu conseguiria ajudar alguém que está tendo crise, como já aconteceu ontem. Uma colega minha estava chorando dentro de sala. Eu não falar, eu não vou pedir para tu ficar calma, para tu se acalmar, que não vai adiantar. Você não vai ficar calma, só piorar cada vez mais. A única coisa que eu posso fazer por você é te ouvir. Porque



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

aconselhar? Eu não tenho palavras para descrever. É só isso que eu queria dizer para você. **Andorinhão – 8º ano**

O não-cuidado gera desconfiança

as pessoas falam. Eu ia a uma psicóloga em que eu falei para ela que eu tinha voltado a mutilar, automutilar. E ela falou que não ia falar para ninguém, mas ela falou. Ela não guardou aquilo só pra Ela. Ela falou pra minha família toda e minha família toda ficou sabendo – **Pintassilgo, 7º ano**

Ao discorrer sobre o humano e sua humanidade, Heidegger (2013) nos lança um desafio, a compreensão do ser-no-mundo como ser-de-cuidado. Lembremos que este autor reitera, várias vezes, que o Cuidado para conosco, para com o outro e para com a vida é a mola mestra de todo o existir.

Castro (2023), Meira & Castro (2023), Macêdo & Castro (2023), Silva & Castro (2023), Benício, Gomes & Castro (2023), Silva, J. & Castro (2023), Prestes, Silva, Nunes, Balieiro & Castro (2023), Paes & Castro (2023), Alencar, Meira & Castro (2023), Mena, Silva & Castro (2023), Silva, Silva, Meira & Castro (2023), Meira & Castro (2023^a), Silva, S. & Castro (2023) no Dossiê Plantão Psicológico nas escolas corroboram com seus estudos na questão de que o Cuidado é um dos elementos fundamentais na relação com o outro. Resgatam a premissa heideggeriana de que ser-no-mundo é ser de Cuidado.

Percebe-se nas falas dos participantes, o quão a assertiva heideggeriana é o que nos move enquanto seres humanos. O olhar para esse outro está embasado no acolher a dor que traz e que faculta a ação autolesiva. É um olhar para além do ato em si mesmo; é um olhar que busca compreender a dimensão que é para esse outro a atitude contra si mesmo. É colocar-se continente, junto a esse outro, mostrando, na prática, que não está sozinho e que caminhar junto é o aspecto mais saudável. Conforme nos diz Heidegger (2013) é entender



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

que todos somos seres de escolhas, de decisões, de possibilidades.

Caminhar com o outro é cuidar.

Considerações finais

A oportunidade de realizar pesquisa com adolescente nos provoca duas sensações: a primeira, que apesar de conhecerem a temática, em alguns momentos muitos foram monossilábicos e não souberam responder; a segunda, mostra a pluridimensionalidade dos olhares sobre um tema que por si mesmo é considerado, ainda hoje, tabu, que não deve ser falado.

Quando falamos sobre autolesão e em contrapartida, suicídio, acabamos pensando sobre o papel da cultura em um contexto amplo. O que encontramos na casa e na vivência com a família dessas crianças e adolescentes? É natural e necessário fazer esse questionamento, mas ao adentrarmos a escola e nos inserirmos nesse meio passamos a entender e tentar mudar essa realidade, auxiliando no que for preciso assim como perceber que ela também tem um papel, a educação. Desta maneira, o papel de psicólogo ganha uma nova missão: educar sobre psicologia, trazer esses estudantes para perto a fim de que se vejam como seres de possibilidades, se fazendo significativa a clínica fenomenológica existencial para dar direcionamento e autonomia a quem a solicita ou sequer conhece seu significado. Estar dentro de escolas públicas é adentrar um contexto muitas vezes de miséria, de encontrar crianças e adolescentes que mal têm acesso a alimento e levar isso em conta enquanto o assiste.

Algo fica muito premente: precisamos, mais do que nunca, falar, expor essa temática. O silêncio não pode mais esconder essa ferida tão aberta e sangrante que caracteriza o comportamento autodestrutivo e autolesivo. E a escola é uma instância fundamental para que esse trabalho de sensibilização ocorra.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Sugere-se a continuidade do Plantão Psicológico em Escolas da rede pública de ensino em Manaus como um dos parâmetros em que, a partir da escuta, da discussão de temáticas com os adolescentes, poder-se-á, certamente, o redimensionamento da dor e do sofrimento ainda muito presentes e constantes na vida desses estudantes. Os grupos de conversa e/ou diálogo devem possibilitar a expressividade inerente a esta temática e pode estar sendo utilizados como elementos fundamentais à expressão do que sentem, como sentem e como convivem e enfrentam as situações adversas que podem originar pensamentos autodestrutivos ou autolesivos.

Referências

- Acharán, José Tomás Ossa (2014) Emoções no contexto da psicoterapia fenomenológica existencial. In: Feijoo, Ana Maria Lopes Calvo de & Lessa, Maria Bernadete M. F. (Orgs.) *Fenomenologia e práticas clínicas*. Edições IFEN.
- Alencar, Emanuel Herbert Elias; Meira, Janderson Costa & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2023) **O resgate da existencialidade adolescente**: o Plantão Psicológico e suas possibilidades. *AMAZônica – Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação*. Vol 16, número 1, jan/jun, p. 138-157.
- Bertolote, José Manoel (2012) *O suicídio e sua prevenção*. Editora Unesp.
- Benício, Branca Cecília; Gomes, Kétora Pereira Gonçalves & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2023) **O espelho, a família, o voo de Pégasus**: a existencialidade adolescente no Plantão Psicológico. *AMAZônica – Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação*. Vol 16, número 1, jan/jun, p. 261-282.
- Cassorla, Roosevelt M. S. (1984) *O que é suicídio*. Editora brasiliense.
- Castro, Ewerton Helder Bentes de (2009) *A experiência do diagnóstico*: o significado no discurso de mães de crianças com câncer à luz da filosofia de Martin Heidegger. Ribeirão Preto Tese (Doutorado) não-publicada. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, USP.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Castro, Ewerton Helder Bentes de (2017) A filosofia de Martin Heidegger. In: Castro, E. H. B. (org.). *Fenomenologia e Psicologia: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa* Curitiba: Appris.

Castro, Ewerton Helder Bentes de (2022). Plantão psicológico em escolas da rede pública de ensino em Manaus: possibilidades e perspectivas. *AMAZônica – Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação*. Vol 16, número 1, jan/jun, p. 9-32.

Centro de Valorização da Vida <http://www.cvv.org.br/>

Cicogna, Júlia Isabel Richter.; Hillesheim, Danúbia & Hallal, Ana Luisa Curi (2019) Mortalidade por suicídio de adolescentes no Brasil: tendência temporal de crescimento entre 2000 e 2015. *J. bras. Psiquiatr.* v. 68, n. 1, p. 1-7, Mar

Ferreira Junior, Avimar. (2015) O comportamento suicida no Brasil e no mundo. *Revista Brasileira de Psicologia*, 02(01).

Fundação em Saúde do Amazonas (2019) *Boletim Epidemiológico Violência Autoprovoçada, Suicídio e Óbitos por Abuso de Substâncias Psicoativas no Estado do Amazonas*.

Fukumitsu, Karina Okajima (2014) O psicoterapeuta diante do comportamento suicida. *Psicologia. USP*, v. 25, n. 3, p. 270-275, Dec.

Giorgi, Amedeo & Souza, Daniel. (2010) *Método fenomenológico de investigação em Psicologia*. Fim do Século.

Heidegger, Martin Ser e Tempo. (2013) Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. - Vozes: Editora Universitária São Francisco.

Jacobucci, Aparecida Nazaré de Paula (2007) *Uma Análise Psicossocial do Fenômeno Suicídio no Filme As Horas de Stephen Daldry*.

Lopes, Hernandes Dias (2007) *Suicídio: causas, mitos e prevenções*. Hagnos.

López, Teresita Morfin & López, Armando Martins Ibarra (coord) (2015) *Fenómeno suicida: Un acercamiento transdisciplinar*. Editorial El Manual Moderno.

Luz, Odineas G. B. da & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2018) O suicídio na concepção de profissionais da saúde: uma análise compreensiva. In: Gutierrez, D. M. D. & Souza, J. H. de (orgs). *Suicídio: Diálogos interdisciplinares*. EDUA.

Macedo, Elcilene Lima de & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2023) Adolescência e prática do cutting: relato no Plantão Psicológico.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

AMAZônica – Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação Vol. 16, número 1, jan-jun, pág. 177-197

Machado, Daiane Borges & Santos, Darci Neves dos (2015) Suicídio no Brasil, de 2000 a 2012. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*. v. 64, n. 1, p. 45-54, Mar.

Marcolan, João Fernando & Silva, Daniel Augusto da (2019). O comportamento suicida na realidade brasileira: aspectos epidemiológicos e da política de prevenção. *Revista M*. v. 4, n. 7, p. 31-44, jan./jun.

Meira, Janderson Costa & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2023) O adolescer, a escuta, a fala e o ser-possível de alunos no plantão psicológico. *AMAZônica* – Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação. Vol 16, número 1, jan/jun, p. 51-70.

Mena, Vanessa Benites; Silva, San Zureik Calacina da & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2023). Plantão psicológico em instituição escolar de Manaus, a pluridimensionalidade adolescente: relato de experiência *AMAZônica* – Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação. Vol 16, número 1, jan/jun, p. 112-137.

Mesquita, C. *et al.* (2011) Relações familiares, humor deprimido e comportamentos autodestrutivos em adolescentes. *Revista de psicologia da criança e do adolescente*, n. 3 p. 97-109.

Minayo, Maria Cecília de Souza (2014) *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. Vozes.

Minayo, Maria Cecília de Souza et al. (2012) Tendência da mortalidade por suicídio na população brasileira e idosa, 1980-2006. *Rev. Saúde Pública*, v. 46, n. 2, p. 300-309, Apr.

Netto, Nilson Berenchtein. Suicídio: Uma questão de saúde pública e um desafio para a Psicologia Clínica. *In: Conselho Federal de Psicologia. O Suicídio e os Desafios para a Psicologia*. CFP, 2013. p 15-24.

Organização Pan-americana da Saúde (2019) Folha informativa - *Suicídio*.

Organização Pan-Americana da Saúde (2019) *Uma pessoa morre por suicídio a cada 40 segundos, afirma OMS*.

Paes, Jane da Silva & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2023). A *processualidade desse Eu que cuida: as vivências dos plantonistas pela ótica do supervisor*. *AMAZônica* – Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação. Vol 16, número 1, jan/jun, p. 158-176.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Palma, Danniely Cristina de Andrade.; Santos, Emerson Soares dos & Ignotti, Eliane (2020) Análise dos padrões espaciais e caracterização dos suicídios no Brasil entre 1990 e 2015. *Cad. Saúde Pública*, v. 36, n. 4.

Penso, Maria Aparecida; Sena, Denise Pereira Alves de (2020) A desesperança do jovem e o suicídio como solução. *Soc. estado.*, v. 35, n. 1, p. 61-81, jan.

Pereira, Denis Pereira & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2019) *Psicologia fenomenológica: o método de pesquisa*. In: Castro, E.H.B. (Org.) *Práticas de pesquisa em psicologia fenomenológica – Appris*, p.15-32.

Prestes, Gabriel Fernandes Carvalho; Silva, Atália Maria Schaeken; Nunes, Débora do Vale Santos; Balieiro, Rosângela Monteiro Lobato & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2023) *AMazônica – Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação*. Vol 16, número 1, jan/jun, p. 198-217.

Silva, Amliz Andrade & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2023). *Na trilha do existir, a escuta que acalenta a alma: plantão psicológico possibilidades e perspectivas*. *AMazônica – Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação*. Vol 16, número 1, jan/jun, p. 283-302.

Silva, Bráulio Figueiredo Alves da *et al.* (2018) O suicídio no Brasil contemporâneo. *Soc. estado*. v. 33, n. 2, p. 565-579, aug. 2018.

Silva, Atália Maria Schaeken; Silva, Caio Rafael Costa da; Meira, Janderson Costa & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2023) Plantão psicológico e sua pluridimensionalidade: uma imersão na existencialidade adolescente através da escuta. *AMazônica – Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação*. Vol 16, número 1, jan/jun, p. 71-90.

Silva, Jonas Oliveira Dias da & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2023). *Nebulosa: mergulho existencial na possibilidade de ser-si-mesma*. *AMazônica – Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação*. Vol 16, número 1, jan/jun, p. 246-260.

Silva, San Zureik Calacina da & Castro, Ewerton Heder Bentes de (2023). *Corpo que é meu, mas não sou eu: o não-reconhecimento do ser-si-mesmo* *AMazônica – Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação*. Vol 16, número 1, jan/jun, p. 33-49.

Teixeira, Selena Mesquita de; Souza, Luana Elayne Cunha & Viana, Luciana Maria Maia (2018) O suicídio como questão de saúde pública. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*.

World Health Organization (2014) <http://www.who.int/en/>.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

World Health Organization. (2019) *Suicide*.

Recebido: 10-2022
2023

Aceito: 13-02-2023

Publicado: 01-07-

Autores:

Jayne Nogueira Duarte

Psicóloga graduada pelo Curso de Psicologia da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas. Bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação Científica. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial LABFEN/UFAM. E-mail: jayduartejnd@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-9670-8835>

Milena Cecília Barroso Fernandes

Discente do Curso de Medicina da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: milena_mcb@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5435-2632>

Ruy Siqueira de Lima

Graduação – Comunicação Social, Rádio, TV e Internet – Centro Universitário do Norte – UNINORTE. Graduando – Psicologia - 9º período Centro Universitário do Norte – UNINORTE. Membro sócio da Associação Brasileira de Alzheimer (ABRAz) Regional Amazonas. Membro da Liga Acadêmica de Psicologia da Uninorte – (LAPSIUNN). Membro da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico Existencial (LAPFE). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico Existencial (LABFEN). E-mail: ruylima@gmail.com Orcid : <https://orcid.org.0009-0004-0303-9506>

Janderson Costa Meira

Gestor de Recursos Humanos pela UNIP – Manaus. Graduando em Psicologia pela Escola Superior Batista do Amazonas - ESBAM. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Plantonista do Projeto de Extensão Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus. Diretor acadêmico da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM). E-mail: jandersonmeiraa@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9145-6465>

Branca Cecília Benício



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Psicopedagoga formada pela Faculdade Metropolitana do Estado de São Paulo. Psicóloga formada pela Escola Superior Batista do Amazonas – ESBAM. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Plantonista do Projeto de Extensão Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus. E-mail: cecilia.psi@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0482-355X>

Ewerton Helder Bentes de Castro

Doutor em Psicologia pela FFCLRP/USP. Professor Associado da Faculdade de Psicologia/UFAM. Docente do curso de graduação e do Programa de Pós-graduação em Psicologia (FAPSI/PPGPSI/UFAM). Líder do Grupo de pesquisa de Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Coordenador do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Coordenador do Projeto de Extensão Plantão psicológico em escolas do sistema de ensino público em Manaus (FAPSI/UFAM). Coordenador científico da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM) E-mail: ewertonhelder@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2227-5278>